

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Franciely Oliveira De França

PINTANDO AFETOS COM CRIANÇAS TRANS-NEGRAS:
a imaginação como potência criativa de futuro(s)

Porto Alegre
2024

Franciely Oliveira De França

PINTANDO AFETOS COM CRIANÇAS TRANS-NEGRAS:
a imaginação como potência criativa de futuro(s)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Psicologia pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Oriana Hadler
Coorientadora: Sofia Favero

Porto Alegre
2024

AGRADECIMENTOS

A minha amada avó Maria Antônia, que já não está mais entre nós, mas vive no meu coração. Para ela que me contava de seus sonhos e nos ensinou o ato de cuidar. Para ela, mulher negra retinta, que rasgou imaginários ao cuidar de três crianças sozinha, quando lhe indicaram que ela não conseguiria. Para ela, que desde o início da minha graduação me sonhava e chamava de Psicóloga. Agora sim, vó, sou Psicóloga. Conseguimos.

A meu Pai Ricardo França, pelo incentivo, cuidado e coragem. Pai, aquele seu professor quando disse que o lugar de pessoas negras não era na UFRGS, estava errado, esse também é o nosso lugar. Agradeço seu incentivo, nossa força é ancestral.

Aos meus irmãos, Elisa, Davi, Daniel e Filipe, que me ensinaram sobre a partilha do amor e cuidado. É um prazer ser irmã mais velha de vocês.

A minha dinda, Roberta, referência nos meus cuidados e auto estima enquanto mulher negra. Agradeço por todos os colos em meio ao choro, pelos esmaltes e maquiagens, mas principalmente, tua força.

A minha ex psicóloga Camila Dutra, que foi amparo, escuta e doçura durante grande parte da minha graduação. Teu cuidado foi meu sustento. Tua escuta sensível me embalou no meio de muita dor. Obrigada pelo nosso encontro.

A Oriana Hadler, que desde meu primeiro contato tive encanto. Obrigada pelo espaço seguro, cuidado e afeto que tens comigo. Suas aulas, palavras e sorrisos estão marcados no meu coração. Agradeço por ter aceitado imaginar futuros comigo. Que tu continue encantando o mundo.

A Sofia Favero, minha grande fonte de inspiração. Audaciosa, chique e elegante, nossa “rainha dos baixinhos”. Teu trabalho sensível, bonito e cuidadoso é fonte de inspiração para mim. Agradeço pela paciência, palavras e a correção das vírgulas. Desejo que continue brincando e se sujando.

Anne Borges, minha amiga do coração que me transporta para zonas de cuidado em cada encontro. Obrigada por me ensinar sobre amor, cuidado e comunicação. Que as águas e ventos sempre lhe protejam.

A Letícia Pascal, minha amiga de riso, prosa e cuidado. Estar contigo é libertador, minha risada voa alto quando estamos juntas. Obrigada por permanecer comigo. Te desejo mil amores.

A Mariah Albuquerque, minha amiga do peito, cuidadosa, arteira e cheia de vida. Dançar contigo é sempre alívio. Obrigada por abrir sua casa em tantos momentos que precisei ser acolhida, inclusive para essa escrita.

Ao Bi, que acompanha o movimento das águas do mar, e o meu.

A Bruna Ferreira, Bryan Dias, Rafael Barcelos e Yasmin Silva, por me acolherem no turno da noite, em um momento tão sensível da minha vida. Agradeço pela escuta, referências, incentivos e da construção positiva e cuidadosa que temos enquanto negritude.

Rafa, tua arte enche meu corpo de ginga.

Bruna, tua escuta-presença comigo sempre enche meu coração de alegria.

Bryan, tua sensibilidade me encanta.

Yasmin, tua grandeza e cuidado me inspiram.

A Pedro Lied e Yasmin Meyer, meus queridos brincantes na arte do cuidar. Fazer clínica com vocês foi e é sustento. Agradeço a permanência, escuta e as partilhas que transbordam cuidado.

Yasmin, a tua verdade transparece em tudo que faz, tens arte no coração e ela brilha.

Pedro, tua sensibilidade me inspira, que o cuidado continue sendo sua motivação

A Liniker, detentora das coisas mais lindas que já ouvi sobre amor. Te escutar me levou a lugares inimagináveis de afeto comigo mesma. Agradeço pela tua arte que me cura, voz que é acalanto. Fostes a única presente em muitas noites, e me embalou até dormir.

Aos meus pacientes, agradeço pela confiança na minha escuta, por nossas trocas transferenciais de amor, pela construção de um ambiente afetuoso, seguro e agora, saudoso. Obrigada por me formarem no trabalho da escuta.

Ao Centro de Referência em Direitos Humanos, meu carinhoso CRDH. Agradeço pela construção e permanência deste espaço, vínculo importante no meu processo formativo. Aprendi muito com cada um da equipe, os que estão e que passaram. Um agradecimento especial ao Guilherme Ferreira, que sempre tão afetuoso, confiou e apostou no meu trabalho.

Ao sistema de Cotas Raciais, que esse processo garanta a entrada, permanência e continuidade do que já é nosso por direito, a educação e reparação histórica.

Por fim, aos meus mais velhos, que lutaram e resistiram, para que eu pudesse estar aqui.

Para todas as crianças que através do seu corpo
questionam imaginários

Para todas as crianças que tiveram seu
brincar-sonhar interrompidos

Para todas as crianças Pretas

Para todas as crianças Trans

Para todas as crianças que choram

Para todas as crianças que dançam

Para todas as crianças de cabelo crespo

E para minha avó, que agora, brinca comigo
nos meus sonhos.

RESUMO

O que é um resumo? Se resumidamente eu pudesse falar, é como um cardápio, um vislumbre rápido, como dizer os ingredientes que tem em um prato, para que a partir disso, de fome, se saiba o que tem dentro. Ah, mais um exemplo? Um resumo é... A propaganda de um desenho, mostra um pouquinho do que vai acontecer no episódio, nos dá vontade de assistir, ou não. Resumo também pode ser quando temos que nos apresentar pela primeira vez na escola, dizer o nome, idade, onde mora... mas, só isso não é um resumo do que somos. Muitas vezes em um resumo, assim como em uma apresentação, não cabe tudo, mas nos faz imaginar. Ah, quer que eu conte meu resumo? Então vamos lá, aqui vamos ter histórias de crianças criativas, inteligentes e curiosas, que brincam com normas do mundo. Além de uma conversa sobre imaginário, futuro e afeto, apoiado em autoras(es) que também possibilitam novos futuros.

Palavras que você pode jogar para procurar na internet: afrofuturismo; infância; imaginação; gênero; fabulação especulativa.

SUMÁRIO

* O NOTICIÁRIO 8

→ BRINCAR DE FAZER BELEZA 11

🌸 MEU CABELO ALGODÃO DOCE 14

? ONDE ESTÁ O PERSONAGEM
PRINCIPAL? 20

☒ MÃE, E SE? 28

🌸 UM BANHEIRO COM FLORES 31

! ORELHAS GRANDES 35

🌊 FOI SÓ UM BANHO DE PISCINA

! LEONARDO, É MEU NOME! 40

DESENHANDO IMAGINÁRIOS,
COLORINDO FUTUROS 43

☀ BRILHANTES COMO OURO 48

REFERÊNCIAS 54

"CAÍEM 91,5% EM 13 ANOS
O USO DE PRODUTOS QUÍMICOS
PARA O ALISAMENTO DE
CABELOS CRESPOS EM
CRIANÇAS E ADOLESCENTES
NEGROS".

"É INAUGURADO A
PRIMEIRA CASA DE
RECREAÇÃO VOLTADA
A NEGRITUDE E GÊNERO
PARA CRIANÇAS TRANS-NEGRAS".

A EXPECTATIVA DE
VIDA DE PESSOAS
TRANS SOBE PARA
75 ANOS DE IDADE
NO BRASIL

MORTES DE CRIANÇAS
E ADOLESCENTES POR
INTERVENÇÃO POLICIAL
ACABA NO BRASIL

Grande parte do trabalho da opressão é sobre
policar a imaginação (Hartman, 2020).

O NOTICIÁRIO

Pela manhã, ao acordar, ligo a TV e enquanto me arrumo para ir a faculdade, ouço em volume baixo, a voz do jornalista anunciando sobre a morte de mais uma criança negra. Em pensamento, me recordo da noite passada, quando havia escutado sobre uma menina que morreu enquanto brincava dentro de casa, por uma bala perdida... sempre essa tal bala perdida, tenho escutado bastante sobre ela e seu vício. Pela noite, ouço que a criança noticiada pela manhã tinha o sonho de ser bailarina, e que realizaria uma apresentação de Ballet, no fim do ano.

Chegando na faculdade, às 13:30h e espero as pautas, comentários das notícias. Estamos entrando na aula de desenvolvimento humano. Espero. Fico em silêncio, alguém me confirma que viu o noticiário? Se escutou as notícias? Ninguém viu? Ninguém escutou? Estamos na cadeira de desenvolvimento humano, são 15:20 e ninguém falou sobre a não possibilidade de se desenvolver e crescer dessas crianças. Ninguém falou. Fui lá e falei.



Em mais uma manhã de 2019, após acordar, escolho não ligar a TV, e sim acessar minhas redes sociais. Na época, Damares Alves, que havia acabado de assumir o cargo de ministra do novo ministério da “Mulher, Família e Direitos Humanos”, era vista afirmando em um vídeo que “o Brasil está em “nova era”, na qual “menino veste azul e menina veste rosa”. Durante aquela tarde, observei em uma escola de ensino fundamental professoras montando filas rígidas, das quais todos já passamos durante nossa experiência escolar: meninas pra direita, meninos pra esquerda. Curiosamente, neste momento, uma criança se colocou na fila das meninas, riu e com o olhar curioso aguardou a reação da professora. Os colegas lhe puxaram para a fila dos meninos de forma rápida. A criança questiona o motivo de não poder estar na fila da direita, uma resposta em coro foi dada: “Por acaso tu é menina?”.



Alguns meses depois, em uma noite de verão quente em Porto Alegre, no ano de 2021, leio no meu celular, a notícia que desde 2017 a pessoa trans mais jovem a ser assassinada por crime de transfobia tinha a idade de 16 anos, a partir de 7 de Janeiro de 2021, a idade passava a ser de 13 anos, segundo os dados de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras, realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), com a morte de Keron Ravach.¹ Em uma entrevista, o amigo de Keron fala sobre o sonho que ela tinha de ser influenciadora digital, e seu amor à dança. Para onde vão esses sonhos?

Como estamos escutando cada uma dessas notícias-crianças?

Escrevo em 2024, mas essas escutas estão guardadas desde 2019, ano que também marcou meu início na graduação em Psicologia. Por vias de pesquisa para este trabalho, procurei sobre essas infâncias destituídas, e com espanto e surpresa, leio a notícia de que, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública do ano de 2019, que estimava que 4.971 crianças e adolescentes haviam sido mortas de forma violenta no Brasil, e desse número 75% (3728) eram negras.

Crianças trans têm suas existências constantemente negadas e questionadas. Projetos de leis percorrem as esferas do poder público na tentativa de negar direitos básicos, como uso de banheiro em escolas, por exemplo. Recentemente, em fevereiro de 2024, a Comissão de Direitos Humanos do Senado aprovou um projeto que proíbe as pessoas de utilizarem banheiros em escolas com base na sua identidade de gênero (Lima, 2024). Ao longo da manchete, relatos afirmam que o projeto foi aprovado sem dificuldades pelos parlamentares progressistas. E assim, segundo levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), o Brasil segue sendo o país que mais mata pessoas trans pelo 15º ano consecutivo.

Diante disso, quando pensamos na intersecção de crianças trans negras, o que imaginamos? Por onde estão circulando? Por quais vias de notícias? Por quais sonhos? Por

¹ Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). DOSSIÊ – assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022.

Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>

quais escolas? Por quais unidades de saúde? Por quais terreiros? Por quais igrejas? Essas crianças estão também aqui.



E se pudéssemos sonhar tudo de novo? Ou melhor, (re)criar sonhos-vidas. Assistir a apresentação de ballet não feita, os 14 anos completos, o encontro de amigos para uma coreografia, um jogo, um primeiro beijo, uma nova cor de esmalte, um novo penteado? E se, azul for só azul e rosa, apenas rosa, dentro de tantas outras possibilidades de cores, e se fossem só cores? E se, as filas não fossem filas e sim um encontro além de ordem e gênero? Quem consegue hoje imaginar mundos possíveis para os que destoam desse? Quem consegue rasgar imaginários rígidos, brancos esteticamente perfeitos, puros e binarizados? O que tem na sua imaginação? Pra você, quais corpos estão podendo sonhar-brincar-falar, pintar as unhas?

Porque justo as que criam e imaginam lugares possíveis para além de tudo isso, são as que sofrem, choram, são advertidas, castigadas, regeneradas, pecadoras e mortas?

Entre noticiários, sonhos e escutas, disponho-me a acompanhar de perto a história de crianças, onde nos detalhes de seus cotidianos denunciam práticas intransigentes, captam com suas perguntas mecanismos e discursos produzidos por “tecnologias de gênero”, como Teresa de Lauretis (1994) nomeia os processos de subjetividade ocasionados pela categoria de gênero, entendido como “um mecanismo que aciona técnicas, procedimentos, práticas e discursos para produzir sujeitos que se identifiquem como homens e mulheres, meninos e meninas.” (Caldeira; Paraíso, 2016, p. 758).

Suas advertências, sonhos e corpos nos convocam a pensar no que tem se reproduzido no tempo-espço do agora, pretéritos e futuros do presente, nas pequenas-grandes normas adoecedoras em que vivemos, naquilo que se escapa ou, quando é visto, logo é direcionado para os Normatizadores de Corpos (psicologia, psiquiatria e igreja).

Que esta leitura possa possibilitar rasgos e pinturas na nossa imaginação.

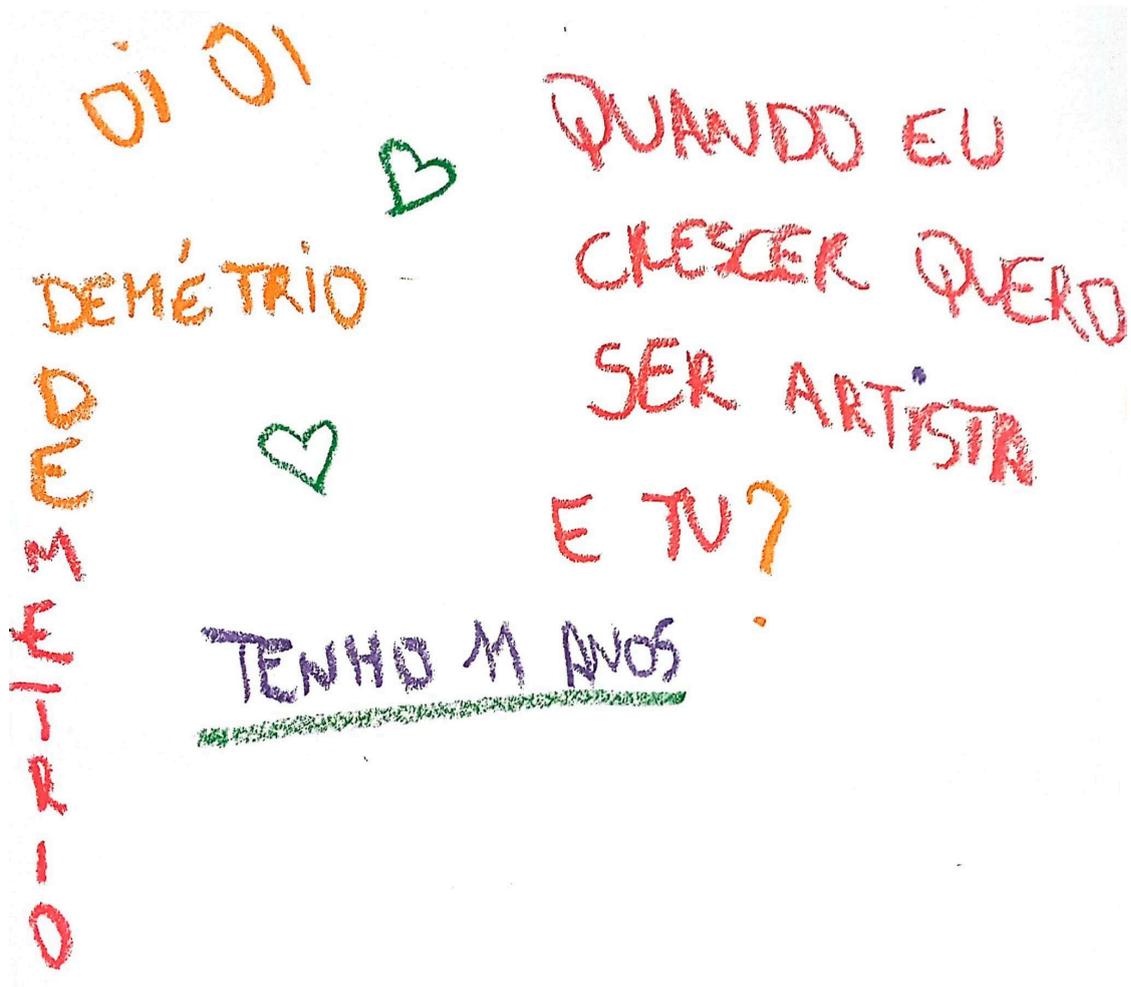
BRINCAR DE FAZER BELEZA

Eu cortava o cabelo das minhas bonecas e gostava, ninguém dizia nada, só que eu tava “aprontando como sempre”. Mas parou de ter cabelo para eu cortar. Comecei a gostar de brincar com outras coisas, nas bonecas gostava mesmo era do cabelo. Na minha rua, os meninos jogavam bola, mas não deixavam as meninas. As meninas só podiam torcer e gritar. Eu é que não ia ficar lá parado gritando, queria jogar bola. tentei três vezes. Nesse dia, tava voltando pra casa e lembrei que minha tia tem uma máquina de cortar, pensei que... bom, eu já tinha experiência em cortar cabelo, cortei o de 8 Barbies, acho que vou brincar de salão de beleza. Tia Ivoni, deixava eu mexer em tudo, mas eu nunca tinha ligado uma máquina. Meu cabelo me incomodava. No início, achei que era pelo volume, daí alisaram e eu continuei não gostando, era uma função fazer chapinha, queimar o couro cabeludo e ardia pra passar produto. Era longo demais, volumoso demais, atrapalhava pra correr e pra jogar bola. Sei que tem gente que prende, joga até com ele solto junto com suor. Me atrapalhava porque eu não gosto. Quando eu era bebê era curto, eu gostava. será que vou gostar de novo? Liguei e logo passei. O cabelo estava caindo todo no chão, juntei e guardei. Acho que a tia Ivoni vai gostar da minha espécie de careca. Sem cabelo eu podia fazer o que eu quisesse, não tinha mais cabelo pra dizer que sou menina pipipipopopo “pernas cruzadas” pipipipopopo “olha os modos” pipipipopopo “assim tu parece um gurizinho”. Vish, mas será que é só isso que diz que é menina? Eu tava igual quando era um bebê, só que agora sou grande, 11 anos. Qual é a tua idade?



Saí e fui indo, o vento passou diferente na cabeça, e teve uma amiga da minha tia que até fez sinal da cruz quando me viu, não entendi. Tava no meio do caminho quando o carro da polícia passou, e veio devagar, achei estranho porque nunca tinha acontecido isso comigo só com os guris que jogavam bola... será que é a careca? Até que seu polícia me perguntou o que eu tava carregando na mão, disse que era meu cabelo, ele me olhou estranho e perguntou onde tava minha mãe, disse que minha tia tava trabalhando, mas que daqui a pouco chegava em casa. Ele me disse que menino assim na rua perto das 18h não era bom. Menino? Me fala seu nome, vou ligar pra sua tia vir te buscar. Meu nome? Seu polícia, como a gente sabe que é um menino? Se nasce menino, se é menino, é assim. Agora quer saber? Vá levar esse cabelo e depois direto pra sua casa. Sabe que fiquei pensando na pergunta do seu policia... pessoa desconhecida, hoje o dia foi muito bom, acho que quero ser menino por mais dias. Foi isso, cheguei aqui, me falaram que eu podia escrever uma carta para me apresentar para você. Desse jeito que consegui trazer esse cabelo, pessoa que vai usar ele. Queria escrever mais, mas minha tia deve estar chegando em casa e menino na rua perto das 18h não é bom. Vou me apresentar pra ela também. Pessoa anônima, um dia eu tive piolho, mas eles foram embora, me falaram que não é o cabelo é o sangue que atrai eles, espero que esse cabelo te faça feliz e que tu não pegue piolho!

Ah, até esqueci de dizer meu nome, eu sou Demétrio!²



² Demétrio Campos, homem trans negro periférico, artista, dançarino, modelo e militante na luta contra o racismo e transfobia. Foi suicidado no dia 17 de Maio de 2020. Sua mãe Ivoni Campos, participa de forma ativa na militância antirracista e para a população LGBT. Atualmente, ela faz uso das redes sociais de Demétrio como um espaço de acolhimento e memória do filho, mantendo sua arte viva.

MEU CABELO ALGODÃO DOCE

Lili me contou sua decisão de deixar o cabelo crescer, queria ter igual de sua avó, mas também porque viu em um desenho que fadas tinham o cabelo grande, liso... no entanto, na escola seu cabelo começou a chamar atenção. Suas amigas, que também tinham o cabelo parecido, mas menos volumoso, apelidaram seu cabelo de algodão doce. Lili gostava da ideia, mas o restante da turma apelidou de ninho de passarinho. Achava estranho, pois nenhum pássaro chegava perto, seus cachos pequenos se envolviam e formavam um belo volume, igual ao de sua avó, mas não igual ao das fadas. Quando a avó chegou na frente da escola, uma pergunta foi feita antes do “A escola foi boa?”

— Vó... teu cabelo também é um ninho de passarinho?

Dona Antônia me disse que levou um susto. Mas, logo respondeu:

— Quem falou isso meu, filho?

— Meus colegas falaram que meu cabelo é um ninho de passarinho, queria saber se o seu também é?

A avó respirou fundo e se perguntou em meia fração de tempo como explicar que seus cabelos não comportam pássaros, que seus cachos enrolados não formam um ninho, como explicar para uma criança o que ninguém tem coragem, com qual idade se apresenta o racismo?

— Meu filho, nossos cabelos não são ninhos de passarinho, esses comentários são de pessoas maldosas que não entendem sobre cabelo.

— Tá, vó... vai demorar para o meu cabelo ficar igual o seu?

— Tenha paciência, em breve ele estará grandão como o meu. Agora vamos pra casa tomar banho, suas mãos devem estar sujas da escola.

Segundo relatos da avó, a apresentação de final do ano teve como temática “O Reino das Fadas”. Curiosamente, o tema e brincadeira favorita de Lili, que tinha embaixo da sua cama muitos desenhos de fadas, com muitas cores e estilos. Lili de fada, a avó de fada, as tias fadas, os primos, todos fadas. Acreditava que elas existiam e até me comentou que conversava com algumas.

— Vó, eu cheguei do recreio e a professora disse que ia nos contar uma novidade, mas só depois que todo mundo estivesse em silêncio. Demorou um montão porque o Vinicius e a

Eduarda estavam conversando. E aí finalmente ela contou, Vó. Levantei a mão bem rápido e disse que eu queria ser uma fada.

Mas a professora respondeu:

— A escola não pode ter um personagem principal de fada menino.

Mas Lili queria ser fada. Usar roupa de fada, igual as que imaginava e desenhava. Queria brilho, asas gigantes e um vestido de fada.

— Daí depois a Isadora perguntou pra prof se existiam fadas da minha cor, porque ela nunca tinha visto uma de cor preta, então acha que não existe. Eu fiquei pensando nisso, vó... Porque nenhum dos desenhos de fada que eu vejo tem fada marrom, tu já viu?

— E, se a Isadora tinha razão, eu nunca vou ser fada?

— E o chato do Diego gritou lá do fundo da sala, disse que também nunca viu fada menino.

Lili ficou pensando que de fato, nunca tinha desenhado fadas menino, mas porque não queria. Mas, também não tinha visto na tv.

— Eu quero ser fada.

Me contou que gritou alto para que todos ouvissem!

Os colegas ficavam repetindo que não tinha como, que não existia, que nunca viram fada desse jeito.

Quando sua avó foi lhe buscar, antes do “a escola foi boa?”, chorando, Lili perguntou:

— Vó, tu pode me transformar em uma menina e apagar minha cor?

Ela não tinha asas, nem varinha mágica, nem era fada.

Mas, usou o poder da palavra para dizer:

— Você é menina, se quiser... mas não posso apagar sua cor, meu amor.

A avó não soube o que fazer e pediu ajuda para as vizinhas, estava totalmente perdida, ligou para suas comadres. Sabia que a escola não daria o papel, sabia que não podia tirar sua cor, sabia que tinham muitas fadas espalhadas pela casa, sabia que não tinha tantos poderes, mas também não era desprovida de nenhum. Faria uma fantasia de fada para Lili. Pensou que, caso não pudesse ser fada na escola, poderia ser onde quisesse. Me disse que rezava e fazia preces para que a professora deixasse, que Nossa Senhora Aparecida tocasse no coração de cada um da turma.

Antes de dormir, dona Antônia chamou Lili para lhe contar uma história, tinha notado que a criança estava triste, não havia feito desenhos, nem olhado tv, parecia estar longe, como se tivessem proibido a presença de qualquer fada perto de Lili.

— Meu filho, antes de dormir venha cá, deite em meu colo, a vó vai te contar a história de uma fada que circula aqui pelo nosso bairro:

— Era uma vez, há muito tempo atrás, uma floresta mágica das fadas. Elas eram pequenas, muito espertas, tinham poderes, cores e cabelos diferentes. Suas casas normalmente eram dentro de árvores. Certo dia, três fadas decidiram que queriam morar em outro lugar. Arteiras e curiosas, decidiram sair voando pela cidade, em busca de algo que pudesse ser o pedacinho do seu novo reino.

A fada Aziza decidiu que deveriam ir para um lugar cheio de cabelos crespos e cacheados, pois, no mundo das fadas, os cachos possuem poderes mágicos, servem para nutrir e dar força para elas, renovando sua magia. Antigamente, durante a noite, saiam das suas árvores e escolhiam o cabelo de uma criança, entravam no cachinho, se enrolavam na maciez até adormecer. Em troca, produziam bons sonhos, proteção, contavam-lhe segredos do seu mundo e deixavam que a criança fizesse um pedido mágico.

Aiza era a fada mais barulhenta, curiosa e desobediente, por isso precisava de muita energia. Queria encontrar um cabelo macio, volumoso e cheio como um algodão doce. Seu vestido era amarelo com detalhes laranjas. Suas asas eram coloridas e seu maior poder era o de cura.



A fadinha foi em busca do seu novo lar. Enquanto voava, sentiu um cheiro docinho, avistou um cabelo lindo, encontrou o algodão doce. Voou rápido, suas asas brilhavam de alegria, até que em um passe de mágica entrou dentro de sua nova casa. Porém, Aziza sentiu que no coração daquela criança continha tristeza. Resolveu chamar outras fadas para fazer morada, Erika e Samantha iriam morar com ela! Para elas, a dança era um ritual de cura, por isso, dançavam o dia todo, fazendo com que a criança tivesse muitos nós de fadas no cabelo.

Durante a noite, quando queria e não estava cansada de dançar, Aiza aparecia no sonho da criança, pois era a única que tinha esse poder. Mas, era necessário convidar ela para dançar.



Lili, já quase adormecendo, perguntou:

— Vó Tonha, será que Aziza mora no meu cabelo?

— Convida ela para dançar, meu filho.

Enquanto Lili sonhava, ela rezava e costurava.

Ao acordar, disse para avó que havia sonhado com Aziza. No sonho, teria dançado até cansar, ela tinha lhe emprestado seu vestido favorito, o que mais girava. Rodopiaram até cansar e perder o ar.

— Aziza disse que quando fico triste tenho que dançar, vó. Também falou que ela estava cuidando de mim e posso chamar ela quando eu quiser. Não me contou nenhum

segredo, só me deu um pedido mágico. Pedi para ser fada. Ah... vó, a Aziza era da sua cor chocolate escuro. Acho que sou de cor chocolate mais fraco.

Lili voltou a desenhar, e agora, seus desenhos contavam suas brincadeiras com a fadinha.

Semanas se passaram, a turma foi convidada para participar de uma roda de leitura. Três livros foram levados pela equipe. Em uma das histórias, questionava-se o que era de menino e menina. Pintar as unhas? Jogar bola? Brincar de boneca? Dançar? As crianças riram, estranharam, questionaram...

Em certo momento, Lili perguntou se meninos e meninas podiam ser fadas, além de perguntar:

— Vocês conhecem a fada Aziza? Ela mora aqui no bairro e é da minha cor, só que o chocolate dela é mais escuro.

As profissionais responderam:

— Sim, qualquer um pode ser fada, fado, fade... existem fadas de muitos jeitos e cores!! Vamos desenhar fadas? Hum... quem é Aziza? Eu não conheço, tu pode nos contar sobre ela?



E então, existiu o que já existia.

No decorrer dessa atividade com a turma do segundo ano, a professora decidiu que Lili poderia ser fada na apresentação da escola e comunicou para a turma em voz alta, de forma assertiva.

Durante as rezas de dona Antônia, Oxum, conhecida por ser mãe das águas doces, da doçura, beleza e protetora das crianças, teria reconhecido as preces da sua filha e derramado sua benção-mel, abrindo caminhos para Lili ser fada.

Após o pedido mágico para Aziza, gentilmente, a fada com sua magia que advém por cabelos crespos-algodão doce, reuniu suas forças para dançar até que conseguisse atender o pedido de Lili, foi contagiada pela alegria de aprender novos passos com Lili, e os vestidos novos que a criança desenhava para ela. Então, Lili era fada.

A fantasia com muito brilho, asas gigantes e um vestido de fada volumoso ficou pronta. Sua avó, surpreendeu Lili com o gesto cuidadoso de entregar em suas mãos pequenas, sua confecção de afeto e fé.

Em 2024, a escola teve uma fada negra de pele retinta, na apresentação de fim de ano. Mas Lili era fada todos os dias.



ONDE ESTÁ O PERSONAGEM PRINCIPAL?

Essa é a pergunta que flutuava como uma nuvem de chuva carregada e camuflada sob meus pensamentos, após ver um filme ou ler um livro com personagens principais negros. Infelizmente, ainda hoje, tenho a sensação de uma procura-espera por algo - branco. Por isso, tomo como disparador inicial das três pausas que faremos entre as histórias, o lugar da raça-cor na infância, tomando como base, as narrativas encontradas até agora nas histórias que lemos - podem ser essas, as que você recorda de si mesmo ou do que tem visto por aí - vinculado a experiências de crescer enquanto uma criança negra.

Tomando a corporeidade infantil negra como ponto de partida, entendendo o corpo como porta central dos atravessamentos dos sentidos, afetos, memória e ancestralidade, ainda hoje, não é raro observá-las se desenhando enquanto brancas, de cabelo liso e olhos claros (Chisté, 2015, p. 69), eu mesma fui uma delas. Em uma busca recente nos meus desenhos infantis das séries iniciais, para compor esse trabalho, encontrei as tentativas de ser reconhecida enquanto uma menina branca.

Hoje, enquanto uma mulher adulta, partilho essas lembranças com você para abrir memórias, registrá-las, nomeá-las, com a intenção de que este também possa ser um espaço memorativo compartilhado das experiências vividas neste processo de tentativas na construção de uma imagem de si, enquanto criança negra. Pois sei, infelizmente, que minhas escolhas por bonecas brancas, desenhos de auto-retratos brancos, escapam apenas da minha vivência.

Essas tentativas são reflexos de um processo que Neusa Santos, em seu livro “Tornar-se Negro”, se dedicou a pesquisar e compreender o racismo a níveis psicológicos e o processo de construção de uma identidade negra:

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Para representação ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer (1983, p. 5).

A falta de estímulo midiático de uma construção e representatividade negra positiva, junto com uma série de reproduções vinculadas a inferioridade da população negra, chega devastando o imaginário, ouvidos, olhos e corpo, mas, principalmente de crianças negras, lhe ensinando e afirmando o lugar de um corpo não branco, fazendo assim, da sua configuração corporal em uma atividade de negação (Fanon, 2008, p. 104).

Por isso, quando fiz a escolha política de que todas as crianças das quais iria contar suas histórias fossem negras e apresentassem tensionamentos sobre a estrutura de gênero em seus corpos e negritude, quis principalmente ressaltar suas posições ativas em relação a suas vivências-produções de arte e conhecimento, enquanto produtoras de culturas, contrapartida de uma sociedade ocidental que deslegitima o saber de crianças, nomeando-as como incapazes de um pensamento crítico sobre o mundo-corpo que habitam e sentem.

Entre algumas vivências que me movem nesta escrita, trago a cena recente de uma manhã fria de Abril; Na minha última cadeira eletiva da Universidade, escolhi aquela que se intitulava “Abordagens contra-coloniais e afroperspectivadas sobre infância”, ministrada pela professora Luciana Rodrigues. Em determinada aula, seleciona um texto que aborda o desenvolvimento - em uma perspectiva desenvolvimentista - sobre a capacidade cognitiva de crianças negras, com título “A psicologia do desenvolvimento da criança preta”. Diante minha rotina de trabalho, comecei meu encontro com o texto no ônibus, rumo a faculdade, e surpreendentemente um misto de sentimentos tomou meu coração durante o trajeto. Alegria, lágrimas, esperança, raiva, frustração. Resumidamente, o trabalho propõe realizar avaliações dos níveis de desenvolvimento motor, social e de inteligência, em crianças americanas e africanas, nos primeiros dois anos de vida. Para isso, utilizam diversos instrumentos de testes, todos nomeados na pesquisa - não vou me ater nesses detalhes, por isso, recomendo que caso se interesse, leia.

No meio da leitura, já havia um grande entusiasmo ressoando minha mente, ao mesmo tempo, não conseguia compreender esses resultados, foi como se algo estivesse rasgando dentro de mim. Gentilmente, após cada discussão entre os subtítulos, os autores resumiam o que teria sido entendido até agora, e os resultados daquela sessão foram:

Todos os estudos mostraram que a criança preta está significativamente avançada em relação à criança branca no desenvolvimento motor até pelo menos 2 anos, quando as tendências tendem a desaparecer. O consenso dos pesquisadores dessa área é que as diferenças são genéticas. As escalas estabeleciam que a criança preta era intelectualmente superior ou igual, mas não inferior, enquanto à sua contraparte. Geralmente, parece que as diferenças entre bebês pretos e brancos desaparecem entre 1 a 2 anos e a igualdade de seu funcionamento mental e motor começa a se reverter em favor da criança branca por volta dos 3 anos. Pensamos que não é por acaso, que se inicia com a aquisição da linguagem (começando em torno de 12 a 18 meses) (Wilson, 2022, p. 71).

Como uma espécie de choque perpassando meu corpo, perguntei-me sozinha: por que ninguém me disse isso antes? Por que não espalham em jornais os resultados de pesquisas que apontam o desenvolvimento do bebê preto como positivo, saudável e até com níveis de inteligência maiores quando comparados a crianças brancas? Sim, foram perguntas jogadas de maneira inocente e com teor de tristeza e ressentimento, mas me abriu a possibilidade de sentir uma espécie de dor, por falta de notícias que valorizem a vida negra, principalmente seu nascimento. Não procuro instaurar uma competição entre bebês brancos e pretos, mas, se você compreende no sentir da pele ou por teorias raciais, sabe que isso é o piso base para a estrutura da branquitude: Hierarquia (Kilomba, 2019).

A construção da imagem da criança negra historicamente tem sido apagada e/ou desvirtuada, com os estereótipos racistas que circundam seu corpo a partir do nascimento (até mesmo em vida uterina), essa lógica é resultado da violência direcionada aos corpos de mulheres e homens negros. Por isso, me sinto impossibilitada de seguir esta escrita sem me amparar com registros históricos que constituem não só práticas sociais sustentadas no sistema colonial, mas como vimos no trecho de “*Tornar-se Negro*”, nossas subjetividades.

Em uma busca por registro de crianças negras, encontrei uma tese de doutorado brilhante que me chamou atenção. Neste trabalho, Ione Da Silva Jovino, faz uma espécie de historiografia a partir de fotos de crianças negras no século XIX, no intuito de visibilizar a presença das crianças negras, além de investigar os lugares e possibilidades que estavam existindo, no determinado corte temporal-histórico. O explicar os motivos da sua pesquisa, a autora revela algo importante na qual também agrega em nossa conversa, segunda ela, no seu trabalho intitulado “*Crianças Negras em Imagens do Século XIX*”:

O referido recorte passou a ser o enfoque da atual pesquisa, em virtude da inexistência de trabalhos nesse sentido, conforme se pode constatar a partir do levantamento bibliográfico, desde os trabalhos de Mott (1979) e Mattoso (1988) poucas pesquisas enfocaram a criança e a infância negra no século XIX. Além disso, a maior parte da bibliografia sobre negros na escravidão narram histórias de adultos, como se não existissem crianças, ou fossem apenas apêndices, mas para a minha surpresa, encontrei muitas fontes iconográficas em que as crianças eram dadas a ver nas mais diversas situações (Jovino, 2010, p. 1).

Com isso, permanecemos à questão das reproduções de imagens, sua ausência e presença. O relato de Ivone me convoca a pensar historicamente o lugar e construção das infâncias negras, a qual, em seus relatos, começa pela falta. Por uma ótica que compreende os mecanismos do racismo, essa falta opera como intencional e resultado esperado, fazendo parecer inexistente o corpo da criança negra, silenciando a possibilidade de fazer-se contar algo.

Nesta escrita, não tenho a pretensão de adentrar profundamente na localização histórica da infância, mas, trago os trabalhos dos quais citei, como forma de ancorar as perguntas que me proponho a construir neste espaço, considerando a importância do assentamento histórico-político da construção sobre infâncias negras no Brasil, para possibilitar novos alocamentos imaginativos de uma identidade positiva vinculada a crianças negras.

O debate que tenho buscado sustentar sobre imagens e representações me relembra um importante trabalho desenvolvido por Patricia Hill Collins (2019), quando a autora discute "imagens de controle" como um mecanismo operante sobre o corpo das mulheres negras, no esforço de compreender os mecanismos operantes sobre nossos corpos, a partir da dinâmica entre racismo e sexismo, oriundo de uma matriz de dominação branca e ocidental (Bueno, 2020).

Sob esse olhar, Winnie Bueno em seu trabalho de mestrado "*Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*", detalha e expande as complexidades do conceito:

A definição dada por Patricia Hills Collins para esse conceito indica uma representação específica de gênero para pessoas negras, que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica. O conceito de imagens de controle se diferencia das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade (Bueno, 2020, p. 73).

Aprofundando mais sobre essa ferramenta teórica, essas imagens seriam, então, construções realizadas a partir de uma “matriz de dominação” (Collins, 2019), que busca delimitar lugares sociais pejorativos, entrelaçados por códigos, símbolos e imaginários (inclusive inconscientes), que aparecem vinculados a mulheres negras. O intuito de abordar sutilmente este conceito, se deve ao fato de que, para a autora, é a atuação midiática uma das pontas que permanecem corroborando para a manutenção ideológica do racismo, operante nas imagens de controle propostas pela autora (Bueno, 2020). O que acontece é que em sua teoria, Collins (2019), sustenta sua argumentação a partir de quatro imagens de controle que se vinculam à feminilidade de mulheres negras: A mammy, a matriarca, a mãe do bem-estar social e a Jezebel. Com esta breve apresentação, pretendo abrir o que tange imagens de controle, tentando aproximar teoricamente um enquadre para infâncias negras. Winnie Bueno, escreve:

No coração das memórias das elites ainda persistem centenas de imagens de controle que neutralizam em suas mentes os impactos que a manutenção de seus privilégios econômicos e sociais causaram na vida da população negra. As imagens de controle são propagadas de forma tão massiva e constante na mídia por uma razão bastante específica: É confortável para a comunidade branca que existam justificativas que lhes retirem a responsabilidade de responder pelo contínuo da violência que a exploração econômica dos povos negros significou na construção do status quo da branquitude (Bueno, 2020, p. 117).

Tomo emprestado esse conceito para pensar como ele pode ser usado em uma discussão mais densa sobre as infâncias negras brasileiras, na qual o território se apresenta como um importante fator de análise. Por isso, questiono como esse conceito poderia se aproximar da discussão das infâncias de crianças negras territorializadas no Brasil? Estaríamos produzindo imagens de controle quando corpos de crianças negras são baleadas recorrentemente por PMs, desaparecidas, violentadas e banalizadas após suas recorrentes mortes? Quais seriam as imagens de controle produzidas em infâncias negras no Brasil?

Não gostaria de ressoar a escrita com um teor “afropessimista” (Wilderson, 2021) mas, como disse antes, necessitava contextualizar algumas coisas, nomear outras e então assim, começar a inserir sutilmente os rabiscos que me conduzem a em breve, desenhar e colorir imaginários que sustentam minha aposta na possibilidade de resistência da vida. Prometo, que em breve chegaremos lá. Antes, preciso puxar outra questão central que faz com que os ensaios que tenho feito, nos levem para os desenhos dos quais comentei: A interseccionalidade entre raça e gênero, na infância.

Jaqueline Gomes de Jesus (2012), professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), psicóloga e ativista, realizou um trabalho que objetivava a escuta de uma amostra de pessoas trans (três travestis, três homens transexuais, três mulheres transexuais e um crossdresser) sobre como percebiam a sua vivência interna e social de gênero na infância, e como essas memórias afetam na vida adulta:

Os resultados desta pesquisa vão ao encontro dessa constatação, e apontam para o fato de que, como as demais crianças, as que vivenciam a transgeneridade também reconhecem a sua “diferença”, porém, ante à dominância social de práticas e discursos que negam a possibilidade de se borrar a suposta invariância na relação entre sexo biológico e gênero²², essas crianças, patologizadas e invisibilizadas, vivenciam o estranhamento de si como um obstáculo a ser enfrentado solitariamente, de maneira silenciada, e podendo ser somente retomada, a partir de um doloroso processo de autoaceitação, ao longo de anos ou décadas de amadurecimento psicoafetivo e intelectual (Jesus, 2012, p. 12).

Os marcadores de raça estavam presentes na pesquisa, com a autodeclaração dessas pessoas se declararam ‘4 como pardas (nenhum dos respondentes se reconheceu como da cor “preta”, apesar de haver essa opção” (Jesus, 2013, p.5), mas nenhum relato se aproximou de uma discussão com os atravessamentos de raça e gênero interseccionados. Ainda, não encontrei pesquisas que cruzem esses três marcadores sociais, quando voltados a experiências de crianças trans negras no Brasil. Parece que voltamos novamente a uma espécie de silenciamento. Escrevo silenciamento, pois, ao dizer falta, me promove a intenção de não existência, o que iria contra tudo o que estou tentando sustentar.

No silêncio da falta de dados, pesquisas e produções acadêmicas, me questiono onde há espaço para falar sobre crianças negras que vivenciam seus gêneros de forma criativa, como sugere Favero (2024), quando defende a experimentação e construção criativa do gênero na infância, acolhendo as explorações vinculadas maneiras que não se limitem às normas tradicionais e binárias, além daquelas para que se denominam enquanto crianças trans.

Como a raça participa no processo de identificação (ou não), de gênero, principalmente quando interconectados com estereótipos pejorativos sobre o que é ser uma mulher e um homem negro na sociedade?

Quando retomamos a pergunta inicial sobre “onde está o personagem principal”, também questiono sobre onde estão as possibilidades imaginativas de espaços para as diversas vivências da população negra.

Dentre um labirinto de jogos discursivos, imagens, estereótipos, dados com expectativas de vida, quais os caminhos possíveis de uma criança negra, para conseguir se

imaginar enquanto personagem principal, quando vê o reflexo do seu corpo sendo noticiado como morto em rede nacional?

A constância das imagens de sujeição de pessoas negras não é um dado novo, pelo contrário – mas a permanência dessas representações, mesmo que em condições de denúncia – é um chamado para uma nova postura e nos aponta para um problema. Para alguns problemas: a representação de pessoas negras em situação de dor comove? (De Santana, 2023, p. 33).

Se as bonecas com que brinca são todas brancas e possuem cabelos lisos, se a única forma de par amoroso é heterossexual? Como imaginar uma fada negra lésbica - travesti? Como criar para si um lugar de personagem principal que abre a possibilidade para uma exploração divertida de desejos, gostos e experimentação do corpo, que atravessa os códigos binários de gênero?

Antes de encerrar este tópico, gostaria que voltássemos ao início do texto, voltamos a pesquisa sobre os bebês!

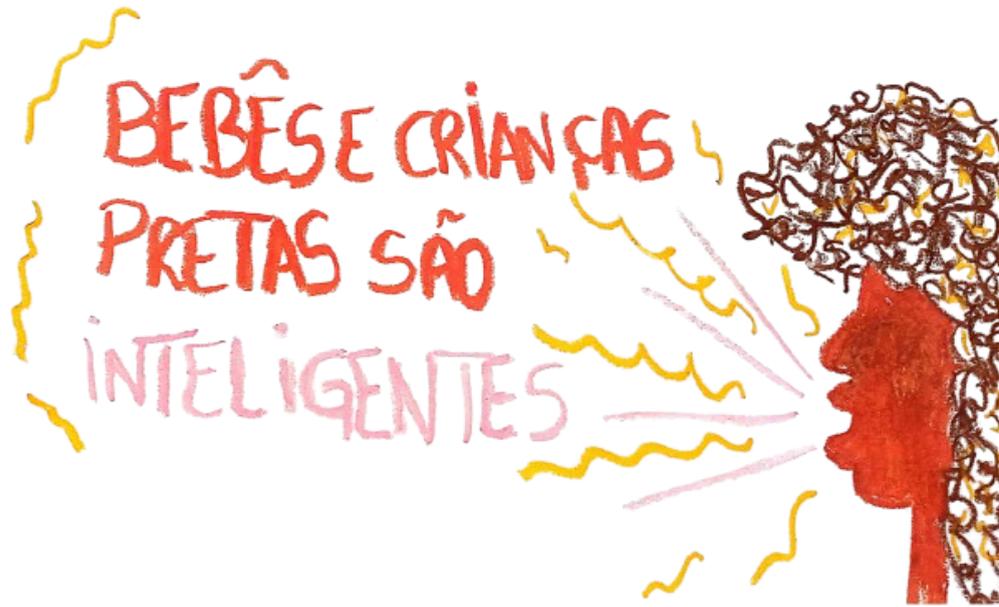
Algumas das conclusões da pesquisa de Jovino (2010), apontaram que as capacidades superiores alcançadas por bebês negros africanos são diminuídas pela falta de assistência e direitos básicos, como: moradia, alimentação e saúde, além do período de aquisição da linguagem, que se faz reconhecer os códigos, letras, sílabas do racismo. Ainda sim, me permito desejar que a notícia fosse espalhada pelo mundo e que chegasse aos ouvidos de quem precisa sentir a alegria da qual eu pude sentir, o acalanto de ler uma notícia boa, vinculada também a mim.

Um tempo depois, partilhando com um colega, ele me diz da mesma sensação, uma explosão de sentimentos, e a mesma pergunta: por que ninguém nos disse isso antes?

Respondo:

— Quem sabe a gente não conta então?

Gostaria de encerrar esta pequena conversa, convocando a um exercício imaginativo de abertura para imagens de sensibilidade, criatividade e autenticidade para crianças trans negras, seguindo com suas histórias.





Entre idas e vindas ao trabalho da mãe, Jup olhava para a janela do ônibus e seu despertar-mundo acontecia. O trajeto era sempre o mesmo, mudando apenas o estado do tempo e as perguntas:

— Mãe, por que você me deu esse nome?

— Mãe, ontem vi na TV que um homem pode ter bebê. Aquele da TV estava grávido. Como faz um bebê?

A família não sabia de onde a criança criava tantas perguntas. Diziam pelas ruas do bairro que Jup “saía com cada pérola da boca” a ponto de não dar conta de segurar-responder. Os vizinhos comentavam pelas janelas e nos encontros na frente das casas que a criança era diferente. Rolava uma fofoca peculiar de que a mãe teria sido chamada na escola porque quando Jup começou a escrever, se colocava no feminino. Além disso, suas perguntas eram meio estranhas para alguém daquela idade. Entre os cochichos, imaginavam que justo por ser criança, não entenderia os olhares e dizeres direcionados para si. Mas, Jup não dava bola; queria mesmo era suas respostas, criar seus colares de pérolas.

No mercado, quando acompanhava alguém da família para comprar mistura, começava sua produção:

— Mãe, essas meninas que estão na parada são namoradas? Se o João que gosta de menino é gay, então elas são gaydas?

— Mãe, sabia que eu vi no TikTok que todo mundo pode pintar a unha?

Sua irmã também tentava responder algumas perguntas, mas as respostas dela não eram tão boas, segundo o entendimento de Jup. Na verdade, queria que outras crianças ajudassem a responder, mas algumas, apenas repetiam o que os adultos lhes diziam, e isso entristecia seu coração.

Lá onde morava, era de costume colar anúncios nos postes e encher de cola para segurar a divulgação. Em um fim de tarde, na volta do trabalho de sua mãe, enquanto subia a lomba até sua casa e fazia carinho nos cachorros da rua, pensou que poderia fazer o mesmo com suas perguntas: colar nos postes!

Como ainda estava aprendendo a escrever, pediu ajuda da irmã mais velha, e lá foram algumas horas de confecção dos "cartazes".

— Por que as professoras dizem que não posso usar vestido na vida real, só no joguinho?

— Por que as crianças não podem ir ao banheiro que elas querem?

— Por que algumas pessoas dizem que pessoas pretas são feias?

Nesta última pérola, queria entender o motivo de não haver tanto cuidado, fora de casa, em relação ao seu tom de pele. Dentro de casa, ser uma criança de pele escura era legal e bonito. Sua família exaltava seu cabelo crespo volumoso, fazia trancinhas no inverno, hidratava a pele com cremes de cheirinho adocicado.

Mas fora, principalmente na escola, sentia que não era tão legal, também não entendia a causa de não ter brinquedos da sua cor para brincar, se em sua casa havia.

No fim de seus cartazes, era possível fazer um colar de pérolas. Ainda com a ajuda da sua irmã, pegou a cola que guardava no seu estojo amarelo e colocou em três postes, até que acabou o tubo da cola que lhe acompanhava há quase meio ano escolar.

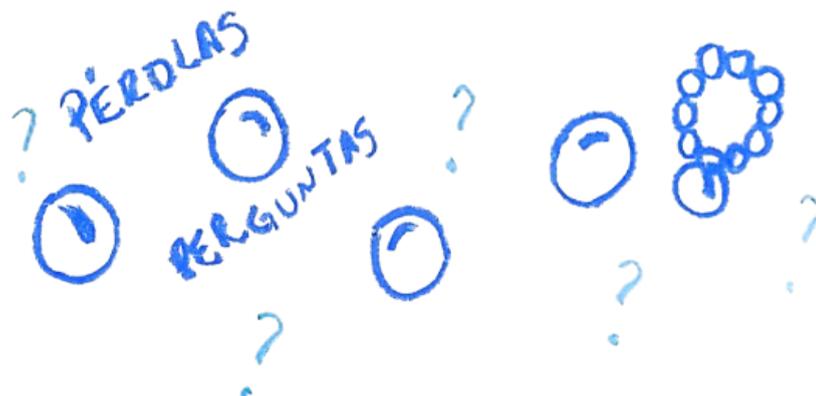
— Mana, como vou colar esses que não consegui colar? Será que se eu jogar no vento eles chegam em algum lugar? Tipo igual jogar balão pro céu?

Jup escolheu lugares onde outras crianças brincavam e jogou pro alto, esperando que o vento levasse suas perguntas até outras crianças que também pensavam como ela.

— Tem alguma criança que também queria ter outro nome? Tipo, nome que é de menina, mesmo com a mãe dizendo que é menino?

— Alguma criança queria que existisse vestido que não é de menina nem menino?

— Quem quer brincar comigo de fazer colar?



A dona dos ventos gentilmente fez com que Dona Antônia recebesse uma das perguntas-pérolas quase em frente de sua casa. Enquanto varria as folhas secas, se deparou com um papel colorido, de letra recém-iniciada. Pegou seus óculos e leu:

— Alguma criança queria que existisse vestido que não é de menina nem menino?

Então, lembrou da apresentação de final de ano do reino das fadas, sorriu e foi mostrar para Lili.

Com ajuda de vizinhos e comadres, Tonha conseguiu encontrar qual criança havia feito aquela pergunta

— Ah, esse tipo de coisa só pode ser invenção de Jup.

Descobriu-se que moravam apenas três quadras de distância. Por isso, Lili sentiu entusiasmo, queria mostrar os vestidos e fadas que desenhava, além de apresentar Aziza. Sua avó também quis mostrar vestidos dos quais perguntava se existiam.

Quando Jup chegou da escola teve uma grande surpresa: uma de suas pérolas tinha sido encontrada.

UM BANHEIRO COM FLORES



18/03/2024

Agora eu tenho uma outra nova psicóloga, ela me pediu para escrever nesse caderno e fazer tipo um diário. ela me disse que um diário é escrever os pensamentos que passam na nossa cabeça. Não entendi porque mas ouvi ela dizendo pra minha mãe que assim ela teria mais controle sobre mim. Essa psicóloga é velha e já é a número quatro. Não sei pq querem ter controle sobre mim, acho que é porque disse que era uma menina quando era menor e minha mãe não gostou. Só disse uma vez, no dia que tava brincando de boneca. acho que é isso porque depois nunca mais parei de ir na psicóloga. Um dia a de número dois falou que sou assim porque não tenho pai. Daí agora, quem diz que eu sou menina é o Renan e o Dudu. Falaram pra sala toda, só porque brinco com meninas. Riram no dia que fiz um cropped com minha blusa amarela que ganhei de aniversário da minha vó. A professora ouviu, mandou parar e disse que se não parasse não ia ter recreio. Eles não pararam e ficamos sem recreio. Só não entendi porque meus colegas ficaram bravos comigo e não com o Renan e o Dudu. Quando a professora saiu todo mundo ficou me chamando de menininha, menos a Júlia e a Roberta. Saí e fui no banheiro chorar, entrei no de meninos, mas acho que o de menina é mais bonito porque tem flores e no de menino tem uma bola feia de EVA, e também porque gosto. Lá no de menina só quem pode entrar são meninas. Mas um dia a Júlia disse que precisava de ajuda e me puxou pra dentro do banheiro das meninas. Era igual, tudo igual. só tinha um espelho grande que dava pra ver todo o corpo e tinham flores. Quando entrei a Júlia ficou me olhando, ela disse que eu não podia contar pra ninguém que estava ali porque era errado e a gente podia levar advertência. Menina e menino no banheiro não pode também, a Júlia falou... não entendi, por que não pode? Só que ali, eu tava menina, igual uns outros dias... não falo mais porque tenho medo de ter duas psicólogas ao mesmo tempo. Teve um dia que a mãe da Jéssica contou pra mãe da Thalita que a Roberta gostava de menina. E aí, a diretora Márcia não deixou mais ela usar o banheiro das meninas... eu não entendi nada, acho a diretora uma chata, já falei. A Roberta nunca mais fez xixi, pelo menos nunca mais vi ela usando o banheiro, era a única menina que não sabia quais flores novas tinham na parede do banheiro. Será que a diretora Márcia acha que Roberta é menino só porque ela disse que gosta de menina?

Na escola, vi escondido uma menina beijando outra menina e elas não deixaram de ser meninas. Será que a Roberta sabe disso? Na aula de educação física, ofereci água pra ela e ela me falou que não podia mais beber água na escola. Acho que é pra não ter vontade de fazer xixi. Onde vai parar o xixi da Roberta?

19/03/2024

Hoje ouvi a nova colega dizendo para outra que não ia brincar comigo porque naquele dia fiz minha blusa de cropped 5 vezes... e que quando ela contou pro pai dela ele disse que isso era coisa só de menina, que ela tava proibida de brincar comigo. Mas porque cropped é de menina? chata chata chata. pai burro

22/03/2024

A psico chata pediu pra eu escrever coisas de menino que gosto de fazer. Ela disse que isso é um tema igual o da escola. não tenho tempo pra fazer, tô criando um plano secreto para entrar no banheiro das meninas e fazer xixi e ver se tem novas flores . aquele dia que fui com a júlia não vi muita coisa diferente mas deve ter algo lá segunda vou descobrir . bju xauu

25/03/2024

querido diário, meu plano deu certooooo nem a Júlia sabe porque acho que ela ia me xingar se eu contasse foi um plano ultra mega secreto. quando fui ver se tinha alguém no corredor senti um negócio na barriga mas na hora do lanche ninguém vai no banheiro então sai correndo e antes de entrar espiei pra ver se tinha alguém mas ninguém vai no banheiro na hora do lanche, dã. fechei a porta, o banheiro era só meu e das flores. queria saber se o xixi era diferente no banheiro das meninas então fiz barulho de xixi com a boca pra sair mais rápido aquele que é xiiiiiiiiiii. como era das meninas eu sentei no vaso, gosto de fazer xixi assim mas meu pai não gosta e quando vou na casa dele ele sempreeee diz que homem faz xixi em pé, eu não entendo e o dia que perguntei pra ele, me disse que não sabia o motivo. aquele vaso é muito muito bom melhor do que o dos meninos parece que ele foi feito pra fazer xixi sentada será que é por isso que os meninos não podem entrar? pra não gostar de fazer xixi sentado? Quando saí fiquei olhando a parede rosa, queria que meu banheiro fosse assim também, eu podia juntar dinheiro pra pintar o banheiro lá de casa colocar flores e ter esse sabonete com cheiro bom. se a minha mãe chorasse eu ia dizer que fiz pra ela o banheiro já que ela é menina que é um presente pra ela, mas eu ia usar todos os dias e ia ser meu já que fui eu que quis. ah, meu xixi ficou normal acho que não é esse o segredo. mas a parte mais

legal é que antes de sair fiz uma dança na frente do espelho aquela que to aprendendo no tiktok junto com a Jú, e quando fui girar achei um gloss de cereja. bom se ninguém tava no banheiro e eu achei eu podia pegar porque achado não é roubadoooo. Hoje o banheiro foi só meu e das flores. Será que a Roberta vem escondida também?

26/03/2024

A chata da diretora Márcia me viu pelas câmeras da escola e me deu advertência de três dias. Meu plano deu um pouquinho errado porque não sabia que a gente era filmado com câmeras igual no supermercado. mas E Daí? Nem queria ir pra escola mesmo, três dias em casa é muito bom vou poder dançar aquele tik tok. Mas quem vai brincar com a Júlia? Ouvi minha mãe chorando no banheiro e falando baixinho com aquela psicóloga chata, e agora vou ter que ir DUAS vezes lá. O que será que eu tenho que fazer pra não ir mais naquela psicóloga, vou ter que criar um super mega plano aaffff. Minha mãe sempre acha que pode me enganar falando baixinho, mas ouço tudo mãe. Mãe, eu só queria ir ao banheiro, porque ela não entende? Se eu uso o banheiro junto com ela e todo mundo que vem aqui usa o banheiro também porque ela tá chorando? Será que a mãe da Roberta entende? Acho que não. Quando eu voltar vou perguntar pra Roberta. eu queria poder ir no banheiro e queria que a Roberta visse as flores. Pelo menos agora eu tenho um gloss de cereja, e a câmera da diretora não viu, nem minha mãe....Enganei o bobo na casca do ovooo !

27/03/2024

Minha mãe acordou e disse que iríamos arrumar a casa, começou a mexer nas minhas coisas e colocar tudo o que eu gostava fora . Ela dizia que era lixo mas não era. Daí fiz um plano..... Quando minha mãe sair vou até a lixeira e pegar tudo de novo e guardar num lugar secreto, mas eu não vou te contar porque esse vai ser o plano mais secreto de todos. Minha mãe colocou minhas flores, minha tiara que a Júlia me deu de presente e meus desenhos de roupas dentro do lixo, acho que ela colocou fora porque é de menina. vou desenhar uma bola feia pra dar de presente pra ela. Botei aquele tema idiota no lixo e peguei minhas coisas e guardei no esconderrijo.

28/03/2024

Dei o desenho de bola pra psicóloga chata, disse que menino joga bola e faz xixi em pé, ela ficou feliz....Na próxima sessão vou falar que a Júlia é minha namorada kkkkkkkkkkk meu plano tá dando certo diário, hoje ela não me deu tema !!!!

29/03/2024

Hoje acabou minha detenção. Peguei três flores do banheiro das meninas e coloquei uma no dos meninos, uma dei pra Roberta e outra levei pro banheiro da minha casa, aaaah, antes de sair passei meu gloss de cereja novo.

30/03/2024

aquela psicóloga ligou para minha mãe e disse que não poderia mais me atender, foi depois que minha mãe contou do meu gloss pra ela. eu fiquei feliz, não vou precisar dizer que a ju é minha namorada

04/04/2024

hoje é meu primeiro dia em outra psico, essa é a número #5. Cheguei lá e na verdade era um psicólogo menino, com a cor da minha tia-vó. No pescoço dele tava escrito “TransVivo”, eu não entendi o que significava e perguntei pra ele quando a gente entrou na salinha. Ele me disse que é uma tatuagem que ele fez quando era mais jovem e que significava que ele era uma pessoa trans viva. eu ainda não tinha entendido muito bem, mas fiquei querendo brincar com umas bonecas sereias que tinham ali, eu nunca tinha visto uma assim, tipo, uma Barbie sereia da minha cor. Peguei pra brincar e ele pegou outra. achei estranho, mas fiquei feliz...não sabia que psicólogos meninos brincavam de boneca...achooo que eu gostei muito dele. Ah, dai sem querer deixei cair meu gloos, peguei rápido e guardei. Só que ele viu e perguntou se eu gostava do cheiro, porquee ele também tinha um gloos ! Só que era de goiaba, o meu cereja. A gente brincou tanto que do nada acabou o tempo. Eu quero ir de novo brincar, e na próximo ele me disse que vai levar o gloss de goiabinha para eu sentir o cheiro. Até esqueci de perguntar, o que era ser Trans, mas pergunto na outra quinta...Antes de ir embora quis ir ao banheiro. Quando cheguei, vi que na porta não tinha nenhuma placa de menino e menina...estranho...Entrei e vi um monte de coisa colorida, e também flores!

ORELHAS GRANDES

Ouvi de uma criança sua teoria sobre os ouvidos. Ela consiste em um fundamento bem simples: quanto maior a orelha, melhor se consegue escutar. Essa mesma criança me disse que, por eu ter orelhas grandes, ouvia tudo bem demais. Fiquei reflexiva sobre essa teoria e a respeito de algo tão peculiar quanto minhas orelhas (das quais gosto muito), perguntando-me como as crianças estão sendo escutadas e, para além disso, como estamos escutando crianças negras? Que também podem ser crianças desobedientes de gênero, crianças trans.

Em seus embates com os códigos do mundo, quando nos questionam sobre eles, assim como Jup, quais jogos discursivos estamos utilizando? Você conseguiu responder algumas das perguntas direcionadas para a mãe, mas que também são direcionadas para nós? Quais perguntas estamos respondendo e quais estamos deixando de responder, por acreditar que as crianças, as próprias criadoras de suas formulações, não teriam condições de compreender?

Entrando nessa analogia da teoria sobre os ouvidos, como estamos medindo nossas orelhas para saber se estão grandes ou pequenas? Aproveito para intencionalmente levar a discussão para o campo da Psicologia, ao nosso fazer-escuta, com a justificativa de que ainda carregamos vestígios e, eventualmente, se isso é corroborado com práticas regulatórias. Afinal, nossa profissão nasce com o intuito de normatizar corpos (Silveira e Furlan, 2003)

Ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional, tenho escutado relatos de pessoas que, ao tentarem buscar atendimento com profissionais da área da saúde, principalmente da psicologia, são encaminhadas a outros profissionais com a justificativa de “não conseguir atender este tipo de caso”. Curiosamente, o “tipo de caso” advém de pessoas trans ou negras. O “diário controle” que lemos acima é apenas um desses exemplos. Neste caso, podemos nos perguntar por que foram necessárias tantas trocas de psicóloga. Seria porque não estava funcionando diante de uma perspectiva normativa e de produção de “cura”? Seria porque ninguém conseguiu acolher a demanda da criança? Mas qual era a demanda... existia? No fim, já era a psicóloga de número 4; algo precisava ser feito, então, se enganou o bobo na casca do ovo.

Nesse mesmo sentido, Sofia Favero, em Pajubá Terapia, também questiona a fantasia formada por alguns profissionais que acreditam que, para atender determinadas populações, necessitam de uma nova formação:

Somos perigosas às 'boas' camadas sociais. E os 'bons' terapeutas precisam se especializar para nos atender. Eu nunca ouvi alguém dizer que está receoso em atender uma pessoa branca por ela ser branca, e sequer fui consultada, até hoje, para dar supervisão em algum caso de atendimento a pessoas heterossexuais devido às suas heterossexualidades. Olha, então, chegou um paciente para mim, mas não sei o que fazer com ele, porque na época da universidade ninguém me disse como atender cisgêneros (Favero, 2020, p. 55).

Considero ainda que os profissionais que admitem sua incapacidade para lidar com corpos que escapam do universal, do que estudaram em suas graduações, anunciam sua falta de vivência com o que excede a si mesmos e com os pactos que possuem. Bom, minimamente conseguiram evitar possíveis violências. O que torna alguém capaz de escutar clinicamente?

Me preocupo e me indisponho com aqueles que exercem dentro de seus consultórios ferramentas e discursos corroborativos para a engrenagem histórica da qual a Psicologia nasce para operar. Não é raro ouvir de corporações desviantes da norma branca-cis-hétero o medo de ser atendido por um novo terapeuta ou histórias violentas de seus ex-psicólogos.

Por isso, pergunto: qual é a nossa postura ética e afetuosa que estamos propondo dentro dos nossos settings clínicos, quando escolhemos ouvir crianças, principalmente aquelas que chegam até nós com rótulos e demandas desviantes de gênero?

Dentro e fora da clínica, tenho feito o movimento de estar atenta às orelhas, mesmo sabendo que não se escuta somente com elas. A escuta com crianças possibilita deslocar nossos móveis, tapetes, corpos, apontar lápis, tirar sapatos e adentrar em uma invenção-mundo a cada encontro, inclinando-nos para um fazer analítico pautado na sensibilidade da imaginação, sentidos e perguntas. Para além disso, nos convoca a deslocar a linguagem, tão estruturada e consolidada que a vida adulta nos presenteia. Me atendo também a perguntar: como estamos falando com as crianças? Passa rapidamente a lembrança das vezes nas quais tive que repetir a mesma pergunta-frase duas ou três vezes, pois estava com minha adulez aguda, me perdendo na linguagem performática dos adultos. Finalizo com algumas perguntas para exercitar o ato de fazer perguntas, ferramenta que tenho (re)aprendido em contato com algumas crianças:

Quando uma criança aprende que não se pode sair de bolsa na rua porque se nasceu menino? Com que idade se entende o que se deve brincar? Com qual idade se inaugura o sofrimento de querer um vestido e não poder ter? Qual é o tamanho da sua orelha?

Foi só um BANHO DE PISCINA

Não pude mais cantar no coral da igreja porque falaram que eu poderia contaminar os outros. Só que, se a igreja é a casa de Deus, por que não poderia mais ir na casa dele? Oraram tanto por mim. Tem alguém que ora por você? Falaram para minha mãe que tinha algo de errado comigo. O pastor olhou para mim e disse que eu iria ser curado. Colocou a mão na minha cabeça e começou a falar coisas que eu nem sabia. O que você acha que tem de errado comigo? Quando perguntei a Deus na minha oração naquele dia antes de dormir, ele não me respondeu. Sabe, cheguei a acreditar que tinha espíritos ruins no meu corpo, então também orei muito, pedi para Deus tirar isso do meu coração e do meu pensamento, igual o pastor pedia.

Mas ele não tirou. Acho que nasci assim, vou ter que ter amizade com os espíritos. Tipo, se Deus me fez assim, então por que ele não me amaria? A tia da escolinha sempre disse que ele conhece nosso coração e lê nosso pensamento. Deve ser isso; não deve gostar do que eu penso. A mãe disse para eu caminhar direito, que quando chegasse na igreja deveria andar como homem. Como você acha que um homem caminha? Pesquisei no Google, mas não achei vídeo para eu ver como anda.

Daí o outro pastor disse que a única solução era eu me batizar. Explicou a mim que batismo era entrar na piscina e que, quando eu saísse dela, seria outra pessoa. Minha vida toda ia ficar na água e eu não ia mais ter esse pecado. Fiquei sete dias orando e lendo a Bíblia com umas pessoas que também iam se batizar, até que encontrei outra criança. Dei “oi”, mas ela estava triste; acho que também tinha um pecado. Será que ela sabe qual é o pecado que tem? Perguntei baixinho: “Qual é teu nome?” Eu sou “Caí”.

O pastor mandou a gente parar de conversar e ler: "Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem roupa de mulher; porque qualquer que faça isto é abominação ao Senhor teu Deus" (Dt 22:5). Quando terminei, ouvi um sussurro: “Eu não quero ser homem nem mulher, quero ser Caí.” Achei legal, como deve ser não ser homem nem mulher? Fiquei pensando sobre qual seria o pecado de Caí, o que você acha que é? Depois, a gente teve o

exemplo da Eva, que comeu a maçã. Acho que é porque ela queria sair do paraíso e não casar com Adão.

Caí me perguntou se eu queria me batizar. Disse que não sabia, foi o pastor que mandou, porque tenho um pecado e, se eu não me curar, vou para o inferno. Você também precisa se curar? Na hora que eu desci, fechei bem o olho e não sabia o que iria acontecer. Imaginei que Jesus ia apagar minha memória.

Enquanto eu estava pensando e apertando meu nariz para não entrar água, me afundaram bem no fundo. Eu voltei. Abri o olho. Nasci de novo? Me aplaudiram. “Parabéns, você tem uma nova vida”. Estavam todos felizes. Eu queria mesmo era saber se Deus tinha me apagado, se ele limpou meus pensamentos como o pastor disse. Mas antes, vi Caí chorando. Fui correndo contar baixinho que não doía, era como mergulhar em uma onda. Conteí. Se foi. Eu esperei Caí sair e perguntei baixinho, sussurrando: “O seu pecado já saiu?” e bem baixinho me disse: “Não, foi só um banho de piscina”. Ufa, ainda bem, porque o meu também não saiu! Você acha que vai demorar muito para o pecado sair? O tal espírito não foi embora, mas só eu, Caí, Deus e você sabemos.

O SEU PECADO JÁ SAIU?
NÃO, FOI SÓ UM BANHO DE PISCINA
UFAA, O MEU TAMBÉM NÃO SAIU!!!



Caí não me contou seu pecado, mas devia ser igual ao meu, porque ouvi o pai do "nem menina nem menino" dizendo que menina não fazia isso que Caí estava fazendo. Você acha

que Deus nos ama, Caí? Na saída, o pastor disse para minha mãe que agora era para dar certo. Não posso contar para minha mãe que não deu certo. Tomara que Deus não conte para ela. Eu só queria cantar. Você tem microfone? Eu sei músicas que minha mãe disse que são do demônio, mas não acho. Será que você também conhece essas músicas? Dizem que minha voz parece de menina. Fui pesquisar no Google como era a voz de menina, mas só achei vozes e acho minha voz bonita. Você também tem pecado, igual a mim? Acho que agora não vou mais poder cantar na igreja. Será que Caí sabe cantar? Podemos formar uma banda! É isso, vou criar a minha banda.

— Caí, quer entrar na minha banda?

— Quero!

— E como vai se chamar?

— Vamos postar nos Stories e convidar mais pessoas!!



Leonardo, era seu nome, nome que foi dado por si mesmo.

Porém, na escola tinha muitos apelidos pela sua cor, nariz e boca. Logo a boca, que tinha herdado da sua mãe, segundo ele. Os apelidos sobre a cor, passaram a perder lugar para Os Apelidos Das Brincadeiras, e esses, perderam lugar para Os Apelidos Das Roupas, com o tempo, para Os Apelidos sobre o uso do Banheiro e tudo ia tomando espaço, mas nunca seu nome, Léo.

— Criaram nomes para mim, agora que criei o meu, não me chamam com ele.

A escola se negava em chamar pelo nome, exigia uma certidão de nascimento. Enquanto ela não era possível juridicamente, slides eram projetados no quadro; uma chamada moderna, tecnológica, salvando a vida de professores com a praticidade de apenas um clique, para dar presença. Mas, Léo não estava presente. Fazia silêncio, até ganhava falta dependendo do professor, como punição de não responder a chamada, desobedecer a ordem.

Léo, quando chegou em casa, procurou sua certidão de nascimento, encontrou perdida no meio de pastas e fotos. Reuniu seus lápis, folhas e canetinhas. Trancou a porta. Questionou se gostaria de fazer isso sozinho, estava cansado, exausto. Ligou para seus amigos, contou sobre o que gostaria de fazer, mas precisava e queria companhia.

A vídeo chamada foi marcada. Às 14h, pontualmente estavam reunidas para criar suas certidões de nascimento, criaram seus próprios atestados de vida. A folha de papel que faltava para a escola. Dependiam de uma folha de papel. Suas palavras, seus corpos, seus nomes não bastavam, a Direção exigia a folha que certificava seu nascimento. A escola queria a certificação do gênero, do sexo, da hora, do nome, da naturalidade.

Estavam juntas, cada um em uma tela de computador nos seus quartos criando espaço, criando suas próprias certificações de existência. Elus queriam estar presentes na escola, queriam presença, queriam seus nomes na chamada sem abreviações. Por onde deveriam começar? Sexo? Naturalidade? Dia do nascimento? Hora? Nome?

— Léo, põe aquela música que a gente ouviu naquela série.

E se trans for mar, eu rio
 E se trans for mar, água de torneira
 E se trans for mar, eu rio
 Contra a correnteza
 Pra me lavar
 E se trans for mar, eu rio
 E se trans for mar, água de torneira
 E se trans for mar, eu rio
 Contra a correnteza
 Pra me lavar (Eu matei o Júnior, 2021).

Entre lápis e cores, Léo se questionava por onde iria começar seu nascimento. Iria primeiro rasurar a cor “branca” especificada enquanto sua raça?

— Ba, Léo... eu não tenho cor na minha certidão. Imagina se a médica que escreveu que tu era branco te visse agora kkkkkk

Sobre o local de nascimento, que é denominado “natural”, pensou muito no que colocar... o que é ser natural? Mas, decidiu permanecer com “natural de Porto Alegre”, por mais que desejasse ser de outro lugar.

No lugar de sexo, decidiu rabiscar tudo e deixar apenas pontos de interrogação, tinha acabado de aprender na escola sobre seu uso, utilizar em casos de provocar perguntas, não afirmar.

Já era fim da tarde quando três novas certidões de agenciamentos tinham sido criadas.

Léo fez uma certidão, escreveu, desenhou, criou e imprimiu. Deixou em silêncio, na mesa de cada um da sua turma.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

= REGISTRO CIVIL =

NOME: LEONARDO P.

DIA MÊS ANO HORA

29

1

12

10 19

~~SEXO~~

~~?~~

NATURALIDADE: PORTO ALEGRE

COR: PRETA



Quando Jup chegou em casa, lá estava Lili, com sua pasta cheia de desenhos e sua avó, Dona Antônia, com tecidos e linha de costura. A felicidade estampava o rosto de todos e com pressa, Lili disse:

— Minha vó tava varrendo a casa e encontrou uma folha de papel com uma pergunta sua. Daí ela perguntou pros vizinhos de quem poderia ser, não sei como, mas falaram que era sua.

— Sim, é minha, eu coleí com minha irmã faz poucos dias, sabia que alguém ia encontrar ela.

— Eu tenho um monte de desenhos para te mostrar, e minha vó faz vestidos, ela pode nos ensinar a fazer esse que você quer. Eu usei um que ela fez de fada, na minha apresentação da escola

— Você foi uma fada na escola? Uaaaaaaauuuu.

Entre muitos diálogos de um primeiro encontro com crianças cheias de energia e criatividade, longas horas se passaram, até que a lua e estrelas povoaram o céu, por isso, era hora de ir pra casa.

Lili e Jup se despediram, e marcaram de se encontrar novamente, desta vez, para criar um vestido que menino e menina pudessem usar, nomearam como “o vestido das crianças”.



Demétrio corria de forma ofegante pelas ruas escuras do seu bairro, estava atrasado para mostrar a sua tia seu novo cabelo, além disso, não havia arrumado sua cama, a única tarefa que sua tia pedia para o bem viver do seu quarto. Tinha deixado para depois... e o depois não chegou. De repente, entre a velocidade e o vento, algo chamou sua atenção em um poste. Havia encontrado uma pérola. Parou para ler, arrancou do local e levou para a casa, torcendo e fazendo figa para que fosse mais rápido que a tia, o tempo e a noite.

Não foi mais rápido que a tia, mas ela lhe aguardava com um pote de doce de leite, seu doce favorito. Entendeu sozinha que ele havia feito arte, brincou com algo que envolvesse sua

máquina de cortar cabelo e que, possivelmente foi bom, pois não arrumou sua cama. Adentrou a porta rápido, desfez a figa, sorriu de canto, coçou a cabeça e em meio segundo resumiu seu dia:

— Tia, peguei sua máquina, cortei meu cabelo, criei um time de futebol, doei meu cabelo, a polícia perguntou meu nome, fiz uma carta, doei meu cabelo pra outra criança, não arrumei minha cama e quero que meu nome seja Demétrio.

Ela respirou fundo, pegou um copo d'água, lhe ofereceu e com tom firme e adoçado, respondeu:

— Seu cabelo ficou lindo, mas tu não pode usar a máquina sozinho, poderia ter se cortado, na próxima vez que for cortar, faço para você sei bem fazer aqueles risquinhos da moda. Outra coisa, não se pode sair sozinho na rua sem documento, já te falei, muito menos desacompanhado, te contei inúmeras histórias sobre isso, os policiais fizeram algo? E sobre a doação, misericórdia como tu descobriu esse lugar, deixaram doar, foi? E a cama... vá arrumar Demétrio, depois seguimos o papo.

Depois que a cama estava arrumada, Tia Ivone sentou com o pote de doce de leite e com duas colheres, ouviu o que o sobrinho tinha a dizer, elogiou a escolha do nome, reforçou seu amor e planejou o próximo corte junto dele. Entre uma colher e outra, Demétrio tirou do bolso a pérola encontrada e mostrou a tia:

— Tem alguma criança que também queria ter outro nome? Tipo, nome que é de menina, mesmo com a mãe dizendo que é menino?

— O tia, olha isso, encontrei naquele poste perto do bar da dona Beta, quem será que escreveu? Bem que podíamos encontrar!

— Vou mandar aqui no grupo do Whatsapp do bairro, deve ter sido alguma criança daqui. Amanhã pergunte à Beta, vai que ela viu quem foi.

— A tecnologia é uma benção, a mãe daquele seu colega respondeu!

— Tia, posso ir ver Jup?



Era noite quando Léo rolava os stories do seu Feed no celular após um dia integral em salas de aula na escola, após, depois de muitos meses ter finalmente sido chamado pelo seu nome na chamada. Agora, Leonardo estava presente. Passou rápido por uma divulgação de

“oiii pessoal, eu e meu amigue estamos procurando pessoas para formar uma banda, quem quiser, pode me chamar”. Ficou curioso, mas questionou o que faria em uma banda, não cantava, nem tocava instrumentos, mas era bom em desenhar. Enviou uma mensagem:

— Oii, me chamo Leonardo, mas podem me chamar de Léo... eu não toco instrumentos, mas sei desenhar, poderia ajudar vocês na criação do desenho da banda, o que acham?

— Oie, Léo! Ba, muito tri, a gente precisa mesmo, vamos nos encontrar? Eu e Cai estamos estudando na mesma escola agora, onde tu estuda?

— Ah, minha mãe pode me levar aí então, ela é de boas! Me passa o endereço?



Nas andanças pós escola, Demétrio encontrou o local que procurava junto com sua tia. De longe, conseguiu ver duas crianças e duas mulheres adultas conversando na frente de uma casa laranja. Era Jup, Lili, Dona Antônia e a irmã de Jup. Chegaram na hora que estavam indo até a casa de Lili, pois faziam os vestidos que combinaram de fazer. Quando Ione se apresentou dizendo que vinha por conta de um cartaz-pergunta, Jup se encheu de alegria, disse que era mesmo seu. Demétrio se apresentou e perguntou se poderia brincar junto, às crianças prontamente disseram que sim. Foi então que dona Antonia disse:

— Estamos indo brincar lá em casa, no nosso ateliê de costura e desenho, se sua tia deixar, levo você junto.

As adultas fizeram suas combinações e cuidados, marcaram hora para o retorno e local.

As crianças imaginavam os vestidos que faziam e outras ideias que gingavam na mente.

Na chegada, Lili apresentou Aziza, recontou a história e partiram para os tecidos brilhantes e coloridos. Imaginaram saias, vestidos, blusas e turbantes. A avó ensinou alguns tipos de amarrações, mas eram complexas, por isso, criaram as suas.

Em certo momento, Lili compartilhou dos comentários que sofria na escola por conta de seu cabelo, Jup também comentou sobre alguns comentários ruins que recebia de dois colegas quando ia de tranças ou puff “porque menino não pode”.

Com o pensamento rápido, em meio segundo, Demétrio teve uma ideia:

— Vamos criar nosso próprio creme de cabelo e fazer penteados de crianças!

Aziza acordou de um sono profundo que estava tendo dentro de um cachinho, após escutar a proposta.

As crianças adoraram, mas como fariam um creme? Juntaram todo o tipo de coisa mole existente pela casa, corantes, óleos e brilhos. Misturavam com os dedos, depois passavam um no cabelo do outro, até Demétrio com sua careca recebeu massagem nos seus quase cachos.



Após criarem suas peças de roupas, creme e penteados saíram na rua para fazer um desfile, desejavam que todos da rua apreciassem suas criações, por isso, pediram para que a avó gravasse. Alguns vizinhos aplaudiram, outros fecharam as janelas, mas, quem estava de olhos encantados no desfile era a Criança das Flores, quis na hora contar para o Psicólogo Legal, mas teve que aguardar até quinta-feira.

Saiu correndo e levou suas flores junto, perguntou se podia brincar de desfile também. Com gritos altos e em coro, disseram “SIIIM”.

Dona Antônia gravava a folia sentada na frente de casa, observava o movimento, cuidava para que brincassem em segurança. Aziza com todo este barulho e encanto, girava pelo ar, escolhendo em qual cabelo faria seus nós, até que decidiu cochichar no ouvido de Lili “vamos convidar mais crianças para brincar, pede por favorzinho para a vovó que o ateliê seja um espaço para brincar todoooooos os dias”.

Depois de muita bagunça, cada um foi para sua casa, com a esperança de voltar sempre que possível. Tonha, chamou Lili para conversar sobre como se sentiu durante o dia, com os cabelos coloridos e brilhosos perguntou:

Vovó, o ateliê pode ser uma casa de crianças que gostam de brincar das mesmas coisas que eu, igual hoje?

— Se você me ajudar, podemos transformar o ateliê em muitas coisas, Lili.

Na mesma noite, desenhos foram feitos para convidar crianças negras com cabelos descolados a vir brincar com Lili e seus novos amigos.

Pela manhã, a divulgação já estava correndo pelos grupos do bairro, colados nos postes e alguns voando pelas ruas, até que chegou na mais nova banda da cidade, “Unicórnio voador”. Já possuíam quatro integrantes, mas buscavam um lugar para realizar seus ensaios, imaginaram que lá seria o lugar ideal para cantar. Iriam até a casa de Lili.

Ao chegarem acompanhadas pela mãe de Léo, encontraram o lugar já movimentado com a preparação de penteados, para um desfile no fim do dia.

Criaram vestimentas coloridas das quais todas as crianças podiam usar, cremes de muitas cores; conseguiam pintar o crespo e não tirar a definição ou volume, pequenos lenços para prender o cabelo sem machucar, um creme de gelatina mágica que ao passar na pele, realçava a melanina, fazendo brilhar feito ouro.

Construíram ferramentas mágicas, ancestrais e criativas para lidar com o mundo fora do coletivo, mas em todo o pós-turno da escola, se assentavam no chão da casa de Dona Antônia. Às vezes traziam relatos difíceis de suas casas, salas de aulas e até em visita aos médicos, nesses momentos, Aziza utilizava de sua magia para alegrar os corações tristes. Todos os dias, coletivamente criavam imaginários possíveis para suas brincadeiras, dúvidas, danças e cantorias.



E por isso que a descolonização da imaginação é o mais perigoso e subversivo de todos os processos de descolonização (Walidah Imarisha, 2016).

No momento em que senti o desejo de realizar meu trabalho de conclusão de curso, falando sobre infâncias, compreendi que haveria uma espécie de mergulho profundo. Pensando assim, brinquei com meus amigos que estava em um processo de me fazer criança, perguntar, questionar qualquer palavra, estar atenta ao que os adultos falavam - dessa forma, ficava mais atenta ao que eu mesma falava. Escrever sobre essas crianças foi um processo sensível, pois estava tocando em cenas, sonhos, notícias, corpos, vozes que transitavam em muitos lugares, na vida, na morte, no futuro, no passado, no agora. Em “*Memórias de Plantação*”, Grada Kilomba exemplifica o processo colonial de uma forma que ao ler, contempla minha experiência de trânsito entre esses lugares, ao longo da escrita:

O colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse imediatismo, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experiência-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado (Kilomba, 2019, p. 158).

Durante a criação das narrativas, juntei todas as informações que desejava e organizei o pensamento em etapas, “primeiro preciso dar corpo-cor para elas”, e assim, surge a necessidade dos desenhos que encontraram no decorrer da leitura, pensando também na importância da criação de imagens enquanto ferramenta de auto defesa e cuidado. No mesmo sentido, Bell Hooks, em uma discussão sobre a construção da representatividade negra na mídia e consumo vinculada a pessoas negras, busca da diretora Pratibha Parmar, em seu ensaio intitulado “*Black Feminism: The Politics of Articulation*” [Feminismo negro: a política da articulação], a seguinte afirmação “[...] as imagens desempenham um papel crucial na definição e no controle do poder político e social a que têm acesso indivíduos e grupos sociais

marginalizados. A natureza profundamente ideológica das imagens determina não só como outras pessoas pensam a nosso respeito, mas como nós pensamos a nosso respeito” (Hooks, 2019, p. 38).

Depois, seus gostos, jeitos, cores favoritas, do que gostavam de brincar, quais suas idades, território, artistas favoritos, tinham acesso ao *Tiktok*? E o seu ciclo familiar, pai ausente? Vó presente? Tia-mãe? O enredo foi pensado a partir de muitos. Algumas situações não consegui escrever, por mais que no mesmo dia tenha presenciado, ou no dia anterior escutado, até mesmo visto na Televisão. Optei por não querer estas vivências aqui, neste espaço que fiz estarem seguras, vivas, criativas, na medida do que minhas palavras puderam registrar e, conseqüentemente, imaginar. As situações de violências estão ali para fazer marca, pois nenhuma delas se descola da realidade, todas são reais.

A ficção e a realidade estão em jogo o tempo todo. Nesse sentido, Octavia Butler, que é considerada a primeira mulher negra americana a escrever sobre ficção científica, principalmente, envolvendo personagens negros enquanto protagonistas e por isso, também é reconhecida pelo movimento afrofuturista, entendido como “um movimento que engloba atividades de resgate, valorização, preservação, reconexão com a identidade e história por meio dos bens culturais, materiais e imateriais, as quais possuem o povo negro como protagonistas” (Rodrigues et al, 2020, *apud* Teixeira, 2023, p. 7).

Em um dos seus livros responde sobre dúvidas que ainda lhe chegam e argumenta sobre a importância do método ficcional na produção de novos imaginários:

Mas ainda me perguntam: De que adianta a ficção científica para o povo negro? De que adianta qualquer gênero de literatura para o povo negro? De que adianta o pensamento da ficção científica sobre o presente, o futuro e o passado? De que adianta a tendência da ficção científica em advertir ou levar em consideração formas alternativas de pensamento e ação? De que adianta a análise dos possíveis efeitos da ciência e da tecnologia, ou da organização social e da orientação política, pela ficção científica? Em seu melhor sentido, a ficção científica estimula a imaginação e a criatividade. Coloca quem lê e quem escreve fora dos caminhos já conhecidos, fora das trilhas muito estreitas do que “todo mundo” está dizendo, fazendo, pensando, seja lá quem for “todo mundo” naquele momento (Butler, 2020, p. 150).

Ainda ressalta na abertura do início seu livro “*Kindred – laços de sangue*” (escrito em 1979, mas publicado apenas em 2019), “Comecei a escrever sobre poder porque era algo que eu tinha muito pouco” e termina “Todas as lutas são, essencialmente, lutas sobre poder. Por isso, o processo de ficcionar, fantasiar e criar novos processos imaginativos se configura também em trabalhar com as forças de poder que degradam nosso imaginário social,

sobretudo, com a população negra e Trans”. Estamos nos permitindo recuperar o imaginário com vida?

Em sua exposição de arte nomeada “*Não podemos construir o que não podemos imaginar*” (Mombaça, 2017), respondem no título a pergunta fundante para a confecção do trabalho: É possível trabalhar na criação de realidades que possam escapar das operações hegemônicas de poder?

Trabalhar com palavras, recortes, inversões e vislumbrar notícias a partir dos dados atuais que temos sobre a população negra, em específico a crianças negras, me causou um engasgo. Manchetes cruas, corpos que se tornaram dados, uma mancha colonial que se espalha desde o pré natal, invade o parto, marca o pós e a chegada da primeira infância. Até que chegamos com os 39% a mais de chance de crianças negras morrerem antes dos 5 anos, segundo um estudo realizado pelo Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs/Fiocruz Bahia), e publicado na edição de outubro de 2022 do *The Lancet Global Health* (Caixeta, 2022).

O desejo de inverter esses dados, rasgar o jornal, criar manchetes me fez questionar se de fato, eu conseguiria imaginar o que estava escrevendo, e se não consigo, porque? Em primeira mão, imaginei que minha escrita poderia ser um daqueles filmes afrofuturistas do qual se questiona se de fato vamos viver isso um dia, se pensar tanto no futuro está ao nosso alcance... como imaginar um futuro com dados tão alarmantes, com a naturalização das mortes da nossa população? Seria tudo uma grande utopia? Imaginar futuros para crianças trans negras é utópico? O que pode ser imaginado em relação à vida negra?

Além disso, quando acrescentamos o marcador social de gênero e sexualidade, Megg Rayara nos relembra em seu capítulo da tese “*Bicha criança: não, eu não vou contar pra minha mãe!*”:

O futuro que importa anunciado por uma criança só pode ser aceitável se corresponder à norma cis heterossexual branca [...]. Essas crianças não deveriam existir e, por isso mesmo, precisam ser eliminadas rapidamente. Controlar seu gestual, seu vocabulário, suas vestimentas, seus atos, enfim, controlar o próprio sujeito é fundamental para assegurar um futuro sem gays afeminados, viados e bichas [...] (Oliveira, 2017, p. 114).

Acrescentaria também “assegurar um futuro sem crianças trans”. Paul Preciado (2014) em seu texto “*Quem defende a criança Queer?*” retoma aspectos da sua própria infância para tensionar quem são as pessoas e instituições que olham, cuidam e preservam os direitos das crianças discentes. Em sua perspectiva, o “direito” também constitui-se na liberdade de

“autodeterminação de gênero e de sexualidade” (Preciado, 2014, p. 2). Suas perguntas também sustentam dúvidas que deixo escapar neste trabalho, principalmente, quando interseccionamos a raça:

E me revolto hoje em nome das crianças que esses discursos falaciosos esperam preservar. Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, bicha, sapatão, transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero? (Preciado, 2014, p. 1).

Nas minhas pesquisas sobre crianças trans negras, os resultados não cruzavam com a palavra “negra” ou “preta”. Encontrei muitas notícias, principalmente questionando o termo “crianças trans”, textos religiosos, movimento de mães assegurando a existência de direitos para seus filhos(as/es), alguns trabalhos acadêmicos, mas, não encontrei escritos que se ocupassem com o recorte das vivências de crianças trans negras, até Agosto de 2024, no Brasil. Minha estratégia foi me sustentar na vida de pessoas trans negras adultas que produzem trabalhos acadêmicos, artes, música. Porém, não posso deixar de registrar o sentimento de vazio que me invadiu e a constante procura por ver em vida essas crianças.

Quando li matérias sobre mortes infantis, que exemplificam um sujeito com desejos e sonhos, comecei a imaginar eles sendo realizados, como poderia ter sido se a bala não tivesse atingido seu corpo e então, começo o desafio imaginativo de romper com a morte dentro de mim, quase como uma ferramenta de sobrevivência. Tudo parece um grande sonho. Ao escrever os títulos das matérias, sentia meu corpo diluir. Parte de mim também são esses dados.

Podemos encontrar nos trabalhos de Saidiya Hartman (2020) a tentativa de contranarrar cenas como essa, a partir do termo “fabulação crítica”, uma ferramenta metodológica de imaginação e resgate da vida-voz de sujeitos negros, sobre tudo, mulheres negras, a partir de arquivos e documentos que registraram a violência e falta.

No livro “*Vidas rebeldes, belos experimentos*”, exemplifica o uso da fabulação para recriar “a imaginação radical e as práticas rebeldes desses jovens ao descrever o mundo através dos olhos delas. É uma narrativa escrita de lugar nenhum, do não lugar do gueto e do não lugar da utopia” (Hartman, 2020, p. 11). Deste modo, utilizo também do método para a criação de histórias, para afirmar: Crianças trans negras existem e são belas. Caminhando com a aposta de uma reconfiguração imaginativa a partir da ficção científica visionária, Walidah

Imarisha, quando comenta sobre as obras de Octavia Butler, enfatiza “a maioria de suas protagonistas são mulheres ou pessoas trans racializadas e, quando essas personagens deslocam-se para o centro da sociedade, vemos a emergência de comunidades visionárias” (Imarisha, 2016, p. 6).

Hoje estava no ônibus, lendo Saidiya Hartman (2022), indo para minha casa, quando duas crianças negras entram no ônibus. Falavam alto, estavam brincando de contar paradas, ganhava quem contasse até chegar na parada de descer. Notei que um deles parecia ter mais controle da contagem, enquanto o outro comia bolinhas de cereal. Imaginei que fosse o mais velho - no meu lugar de fala, de irmã mais velha - a preocupação estava com ele. Minha leitura foi tomada pela contagem das paradas, felizmente, descemos no mesmo local. Com atenção, o mais velho explicou que o sinal estava vermelho e por esse motivo não poderiam atravessar. Fiquei curiosa com seu olhar atento ao aparecimento do homenzinho verde, para que pudessem atravessar. Ele esperou todos os carros pararem, e eu também, por ser um costume. O caminhão de gás demonstrou que iria passar mesmo no sinal vermelho, o braço dele endureceu para impedir que o mais novo passasse, gritou “TEM QUE CUIDAR, BA!”. Eu complementei com “é verdade, nem todos param no sinal vermelho”. Na hora de nos separar, confiei que estariam indo para o lugar certo, e fui para o meu. Foi inevitável atravessar a rua e não fazer uma espécie de pensamento intencional para que chegassem bem em casa e que futuramente não virassem dados dos quais reescrevo hoje, e durante meu cotidiano, entre encontros, comecei a imaginar o conforto e a vida.

Nesse sentido, o futuro é o espaço tempo entre o hoje e amanhã, que vislumbra esses corpos vivos e em condições de permanência de vida. Condições que abraçam novas possibilidades de ocupações imaginárias e não normativas. Por tanto, um futuro construído a partir de um imaginário disruptivo “e sonhá-lo coletivamente significa que podemos começar a trabalhar para fazê-lo existir” (Imarisha, 2016, p. 3), e já existe.

Audre Lorde nos lembra a importância de táticas criativas que fujam das normas coloniais e da branquitude, “pois as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. Elas podem nos permitir temporariamente vencê-lo em seu próprio jogo, mas nunca nos possibilitará promover uma mudança genuína” (Lorde, 2019, p. 139).

Apostar em um futuro coletivo, no encontro como potência imaginativa de se estar vivo, de se imaginar fadas negras, lésbicas, travestis, trans. Em um brincar livre de bloqueios binários, na extinção do pecado, em cabelos crespos livres, coloridos e respeitados. No afeto como ferramenta principal de nutrição dos nossos corpos. Corpos negros vivos. Corpos Trans

Vivos (como bem tatuado no pescoço do meu lindo amigo, Zaki Liriel). Corpos Trans Negros vivos. Crianças negras notícias com muita magia e cuidado, celebrando conquistas, vivas.

Por fim, o método ficcional me permitiu imaginar além da morte. Terminei esta escrita com muita emoção e retomo uma citação de Bell Hooks:

“Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2020, p. 53).

AQUI, ONDE A NOITE INFINITA JÁ
NÃO NOS ASSUSTA, PORQUE NOSSOS
OLHARES COMUNGAM COM O ESCURO
E COM A INDEFINIÇÃO DAS FORMAS.
AQUI, ONDE APENAS MORREMOS
QUANDO PRECISAMOS RECLAMAR
NOSSOS CORPOS E VIDAS.
- JOTA MOMBASA

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, A. T. **Deuteronômio**. In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

BUTLER, Octavia E. **Filhos de sangue e outras histórias**. São Paulo: Morro Branco, 2020.

CAIXETA, Izabella. Crianças negras têm 39% mais chances de morrer antes dos 5 anos. *Correio Braziliense*, Brasília, 6 out. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/10/5042430-criancas-negras-tem-39-mais-chances-de-morrer-antes-dos-5-anos.html>.

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Tecnologias de gênero, dispositivo de infantilidade, antecipação da alfabetização: conflitos na produção de corpos generificados. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 3, p. 755–772, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CHISTE, Tânia Mota. “Eu queria ser branco”: reflexões que transbordam as linhas de existência da criança negra. **Simbiótica**. Revista Eletrônica. 2015;2(1):67-81. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=575967282005>

DE SANTANA, Mônica Pereira. Sobre cenas de sujeição ou indagações para uma cena negra e suas urgências. **Olhares**, v. 9, n. 1, 31–39, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.59418/olhares.v9i1.185>.

EU MATEI O JÚNIOR. [Compositor e intérprete]: Linn da Quebrada e Ventura Profana. São Paulo: Estúdio Brocal, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAVERO, Sofia. **Lapidando os sentidos da infância: reimaginando o Cuidado com Crianças Trans**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação e Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

HARTMAN, Saidiya. The position of the unthought: an interview with Saidiya Hartman conducted by Frank B. Wilderson III. **Qui Parle**, v. 13, n. 2, p. 183–201, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/quiparle.13.2.183>.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Eco-pós**, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>.

- HARTMAN, Saidyia. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. São Paulo: Fósforo, 2022.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2020.
- IMARISHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. *In: BIENAL DE SÃO PAULO*, 32., 2016 São Paulo. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Crianças Trans: Memórias e Desafios Teóricos. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES*, III, 2013, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2013. v. 1.
- JOVINO, Ione da Silva. **Crianças negras em imagens do século XIX**. Tese (Pós-Graduação em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p. 144, 2010.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In: HOLLANDA, Heloisa (Org.)*. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LIMA, Kevin. Comissão do Senado aprova projeto que proíbe uso de banheiros nas escolas com base na identidade de gênero. **G1**, Brasília, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/02/28/comissao-do-senado-aprova-projeto-que-proi-be-uso-de-banheiros-nas-escolas-com-base-na-identidade-de-genero.ghtml>.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 190, 2017.
- PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer?. **Jangada: Crítica | Literatura | Artes**, v. 1, n. 1, p. 96–99, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.17>.
- SILVEIRA, F. De A ; FURLAN, R. Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma Metodologia da Psicologia. **Psicologia USP**, v. 14, n. 3, p. 171–194, 2003.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- TEIXEIRA, Anderson dos Santos. **Afroturismo e o resgate da dignidade do povo negro: estudo de caso das manifestações culturais da Casa de Oxum na península de Itapagipe - BA**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 151, 2023.

Trans assassinada no Ceará é a mais jovem morta por transfobia no país, aponta relatório da Antra. **G1**, Ceará, 07 jul. 2021. Disponível em:
<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/07/07/trans-assassinada-no-ceara-e-a-mais-jovem-morta-por-transfobia-no-pais-aponta-relatorio-da-antra.ghtml>.

WILDERSON, Frank B. Wilderson III. **Afropessimismo**. São Paulo: Todavia, 2021.

WILSON, Amos N. A criança preta - os primeiros dois anos. *In: A psicologia do desenvolvimento da criança preta*. São Paulo: Poder Afrikano, 2022.